

NOTÍCIA DE SÍTIO RUPESTRE ISOLADO – ITABERABA/BA.

Érica Borges - erica.mandacaru@bol.com.br

Graduanda em História – Universidade Estadual de Feira de Santana, DCHF/UEFS.

Dra. Marjorie Cseko Nolasco - mcn@uefs.br

Professora Titular, Departamento de Ciências Exatas/Área de Geociências, UEFS – BA.

Introdução

O município baiano de Itaberaba (figura 1) possui uma área de 2104 m², estando localizado no vale médio do rio Paraguaçu, inserido no domínio do semi-árido brasileiro. A região foi descrita em 1600 como uma floresta de espinheiros ou floresta de caatinga¹. O clima pode ter sido mais ameno há 20 mil anos, tomando por base os estudos no Amazonas e no Vale do São Francisco, mas, não existem estudos paleoclimáticos, conhecidos, nesta região.

É comum na área de estudo a visita a uma pedra símbolo do município e cujo nome Itibiraba também o nomeia. Itaberaba é uma corruptela da palavra itibiraba, de origem indígena, que significa pedra que brilha em alusão a modificação da sua cor e reflexos de luz, de acordo com a incidência dos raios solares e do posicionamento do observador.

Os moradores da região, especialmente das escolas de ensino fundamental e médio têm outro motivo para visitar a área da Pedra que Brilha. Numa *loca* encontrada em um dos três morros que formam o complexo rochoso da Pedra de Itibiraba encontram-se desenhos rupestres a tinta, ou como a população local costuma chamar “pinturas de índios”.

Apresentado a mim durante um passeio escolar a mais de 15 anos, o sítio rupestre aqui descrito só tomou a dimensão de um objeto de pesquisa quando ingressei no curso de História da Universidade Estadual de Feira de Santana, e tive acesso a trabalhos nesta área. Pesquisando descobri que estava diante de um sítio desconhecido nos meios científicos e acadêmicos. Assim este trabalho teve como objetivo registrar, cadastrar e divulgar sua existência, esperando que possa ser melhor estudado adiante.

Observa-se, a necessidade de proteger o local, possibilitando ‘*a posteriore*’, estudos mais aprofundados, principalmente a cerca da compreensão dos povos pré-históricos no Brasil e de sua circulação. Além de favorecer a ampliação do interesse e da busca na região de outras evidências, pois estas também podem ser encontradas em lajedos, na forma de desenhos incisos ou picotados, já que em buscas na área não foram observadas outras áreas pintadas.

Sítio rupestre da Pedra de Itaberaba - descrição preliminar

Localizado no município de Itaberaba (figura 1), num *inselberg* formado por granito-gnaise migmatítico, situado na base da Chapada Diamantina. O sítio encontra-se a 3 km da BR-116 Sul e a 28 km da área urbana do município, nos limites da Fazenda Itaberaba. Os morros de pedra (*inselbergs*) da Pedra de Itaberaba estão isolados numa vasta planície, tendo ao norte o rio Paraguaçu.

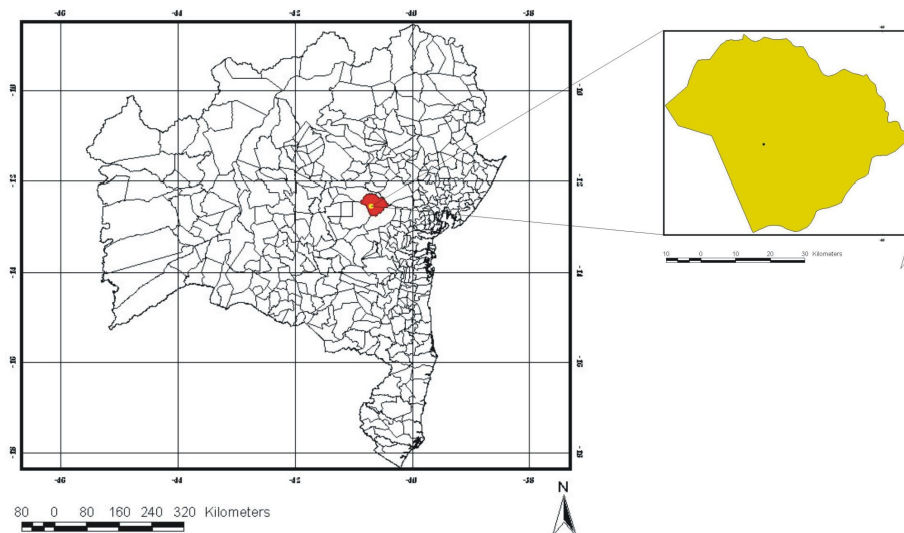


Figura 1-Mapa de localização em detalhe do município de Itaberaba.

A área onde se encontra o sítio tem forma de *loca* e sua entrada está encoberta por vegetação (figura 2), nas paredes podem ser observadas pinturas rupestres. O painel dos

desenhos está sobre substrato de rocha metamórfica de alto grau - ígnea, tendo aproximadamente trinta e três metros de largura e cinco metros de altura.



Figura 2 – Vista geral da área de ocorrência do sítio

Os desenhos são tricromáticos, nas cores vermelho, amarelo e branco (Figura 3 e 4), com predominância de desenhos monocromáticos na cor vermelha. Apresentam temática mista, com figuras naturalistas de homens e animais (Figura 5) e predominância da temática geométrica (Figura 3 e 4) variando entre linhas e círculos. Boa parte da área de desenhos apresenta superposição, sendo observadas até três superposições, portanto pelo menos três painéis, o que dificulta a identificação das figuras (Figura 6).



Figura 3 e 4 - Vista geral de um trecho da exposição. Observe os desenhos em cores vermelho, amarelo e branca, temática geométrica predominante em linhas e círculos.

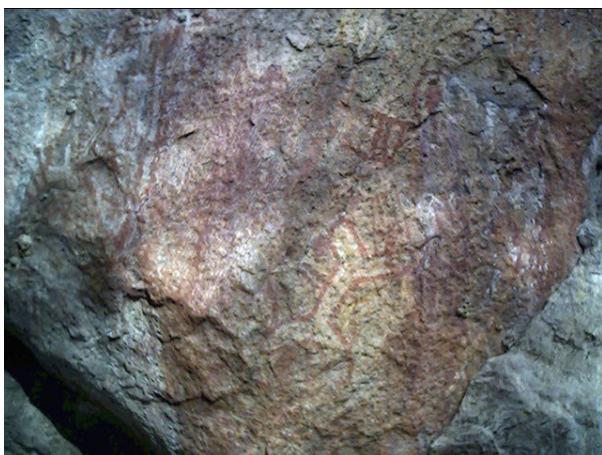


Figura 4 – Figuras naturalistas são raras, mas ocorrem no painel.



Figura 5 – Superposição de desenhos dificulta a identificação.

A descrição do sítio foi feita utilizando da metodologia proposta por Moura et all ², que constituiu um arcabouço de banco de dados reunindo dados físicos gerais dos sítios por ela estudados com base em trabalhos básicos de André Prouss³. Este mesmo banco de dados é utilizado neste trabalho e posteriormente enviado as instituições fiscalizadoras nacionais como o DNPM (Departamento Nacional de Produção Mineral), IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) e órgãos ambientais locais e nacionais.

Estudos posteriores e Conservação

Pesquisas com pinturas rupestres orientam para a classificação dos registros, seguindo as características das diversas tradições, estilos ou fáceis. No entanto, quanto a este sítio ainda não foram feitos estudos que busquem identificar a qual ou quais tradições pertence.

Os próximos passos desta pesquisa buscam a análise das figuras, cópias das mesmas, observando temática, tamanho, cor, repetição, estabelecendo a identificação com as possíveis tradições e comparando-as com figuras de outras partes do país, onde já existem trabalhos mais desenvolvidos, especialmente nos sítios mais próximos.

Os sítios rupestres representam registros da história do Homem, por isso devem ser protegidos, não só dos efeitos da natureza que aos poucos vão degradando a rocha, mas também devem ser protegidos da interferência destrutiva do próprio homem.

No sítio de Itaberaba já podem ser observados problemas causados pela ação das águas das chuvas que escorrem pela loca e depositam sobre as pinturas crostas e fungos. No entanto, o que acelera o desaparecimento das pinturas é a visitação deseducada, que considera importante também deixar suas marcas sobre as pinturas, em forma de nomes e desenhos. Quem sabe, o mesmo motivo que levou os homens pré-históricos a superposição de desenhos observados neste e em outros sítios rupestres.

Orientados pelos funcionários da fazenda onde está o sítio da Pedra de Itibiraba os visitantes já evitam destruir os desenhos, o que ainda não é o suficiente. Registrar e noticiar a existência deste e de outros sítios poderá facilitar a preservação e a conservação das pinturas ou inscrições que existem neles.

Comparando sítios próximos, especializando e intrigando.

Os sítios rupestres mais próximos desta área estão a não menos que cem quilômetros de distância, por isto consideramos este um sítio isolado, ao menos até o momento.

Os sítios conhecidos mais próximos são aqueles da Chapada Diamantina e de Milagres, estes últimos também realizados em *inselbergs*. Entretanto apresentam-se apenas em cores vermelhas, com predominância geométrica.

Aqueles conhecidos na Chapada Diamantina variam enormemente não possuindo substrato ígneo, em sua maioria são meta-sedimentares: quartzitos, calcários e conglomerados. Apresentam forte presença da temática naturalista e também geométrica, podem ser monocromáticos, quando domina o vermelho, ou policromáticos. Nos sítios mais próximos a Itaberaba ainda não foram registradas pinturas com a cor branca que, parece distinguir o sítio da Pedra de Itibiraba.

Estas comparações, entretanto são preliminares, carecendo de aprofundamento posterior. A questão espacial, entretanto intriga e deixa pistas a serem examinadas:

1. O isolamento do sítio, aparentemente perdido no meio de uma área sem registros, porém este é o único bloco rochoso existente. Portanto este seria um dos locais mais protegidos e sombreados ou o único local com estas características numa área bastante extensa.
2. A proximidade do Rio Paraguaçu. Os sítios rupestres têm, geralmente, como uma das suas características a proximidade de uma fonte hídrica.
3. Sua posição geográfica no meio do caminho, pelo qual poderiam passar parte das migrações pré-históricas de contato entre a costa e o vale do rio São Francisco, pela Chapada Diamantina. O vale do Rio Paraguaçu é naturalmente, um caminho menos íngreme e mais “orientado”, para realizar avanços entre a costa e o interior, utilizado historicamente por populações indígenas e pelos próprios colonizadores; não faria sentido que ele também tenha sido utilizado por grupos pré-históricos?

¹ Do São Francisco a Chapada Diamantina – Teodoro Sampaio, Companhia das Letras, reedição comentada, 2003.

² Moura, Ada Ravana Costa; Nolasco, Marjorie Cseko, Carvalho, Trinchão, Gláucia Maria; Hermilino Danilo Santana de, Franca-Rocha, Washington de J. S. da e Cruz, Carlo Castro **Sítios Rupestres de Oliveira dos Brejinhos – Notas Preliminares**, in: Anais do IX Congresso da ABEQUA, Recife; 2003:

³ Prouss, André. Arqueologia Brasileira. Brasília: UNB, 1991.